

OS PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ESCRITA E AS CONTRIBUIÇÕES DO DESENHO INFANTIL

CRISTOFOLETI, Rita de Cassia¹

RESUMO

Este texto tem como objetivo analisar as contribuições do desenho infantil para os processos iniciais de escrita tendo como referência teórica os estudos da abordagem Histórico-Cultural de desenvolvimento humano. Nesse contexto, entendemos que o desenho como prática constante na Educação Infantil é visto como possibilidade de expressão, de criação e de imaginação, além de ser uma das primeiras formas juntamente com a aquisição e desenvolvimento da linguagem oral de 'ser e estar no mundo'. Tendo em vista a alfabetização, o desenho também é considerado como uma produção da criança que antecede e acompanha o desenvolvimento da linguagem escrita (VIGOTSKI, 1998; LURIA, 2001). Entendemos que o caráter simbólico do desenho vai se constituindo com base na linguagem oral que irá fornecer as bases para a construção da significação da linguagem gráfica e escrita.

Palavras-Chave: 1. Educação Infantil. 2. Desenho Infantil. 3. Linguagem Escrita.

Introdução

O desenho na educação infantil tem uma presença constante. É visto como possibilidade de expressão, de criação e de imaginação, além de ser uma das primeiras formas juntamente com a aquisição e desenvolvimento da linguagem oral de 'ser e estar no mundo'. Tendo em vista a alfabetização, o desenho também é considerado como uma produção gráfica da criança que antecede o desenvolvimento da linguagem escrita.

Os primeiros desenhos ou rabiscos infantis podem ser vistos mais como gestos que imprimem marcas em uma superfície do que propriamente como desenhos. A criança, ao nomear o desenho depois que o fez, relaciona os traços que produziu aos objetos do mundo real, fazendo com que o seu desenho entre no universo da significação.

Para Vigotski "o desenho é uma linguagem gráfica que surge tendo por base a linguagem verbal" (FONTANA e CRUZ, 1997, p. 147). Ao desenhar, a criança tem a fala como base: ela conta uma história ou o que ela sabe sobre os objetos. Fontana e

¹ Doutora em Educação. Professora do Departamento de Educação e Ciências Humanas do Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: rita.cristofoleti@ufes.br

Cruz (1997) sinalizam que a criança pequena ao desenhar não se preocupa com a representação da realidade, com a reprodução daquilo que vê, ao contrário, ela tenta por meio do desenho, identificar, designar, indicar aspectos determinados dos objetos. Ou seja, a criança não começa desenhando o que vê, mas sim o que sabe sobre os objetos.

Quando observamos uma criança desenhando, desde as suas primeiras garatujas até as composições mais definidas, desde suas primeiras experiências de marcar o papel com os próprios movimentos até produções com formas bem determinadas, descobrimos uma grande evolução de suas capacidades de concentração, orientação espacial, coordenação motora etc.

Nesse mesmo processo, o caráter simbólico do desenho também vai se constituindo com base na linguagem. O desenho é quase sempre a primeira grande obra das crianças, representa seu primeiro tesouro expressivo, já que através do desenho elas dizem muitas coisas de si mesmas, além de representar como diz Vigotski (1998), a pré-história da linguagem escrita.

A criança desde pequena tem no desenho infantil um meio de linguagem. Pelo desenho, ela consegue expressar suas ideias e sua imaginação, mesmo que no início o desenho assuma a característica de instabilidade. No fim do seu primeiro ano de vida, algumas crianças conseguem produzir alguns traços e rabiscos, iniciando a fase das garatujas.

No decorrer do crescimento intelectual da criança o desenho passa por várias modificações, que se iniciam com as garatujas e vão até as produções mais elaboradas, em que a criança começa a fazer surgir os seus primeiros símbolos. A interação da criança com outras pessoas e outros desenhos é muito importante para os processos de significado que a criança dá ao produzir seus primeiros rabiscos.

Por meio do desenho a criança consegue criar e recriar várias outras formas expressivas, usando a percepção, a imaginação, a reflexão e a sensibilidade. A nomeação do desenho feito pela criança, começa a acompanhar todo o desenrolar do mesmo. Nesse contexto, no início do ato de desenhar, de produzir seus primeiros rabiscos, algumas crianças começam a nomear seus desenhos durante o processo de elaboração e não antecipadamente. Por isso, os traçados ainda têm uma referência instável, ela pode mudar de opinião logo que acaba de desenhar.

Mais tarde, passam a nomear os símbolos produzidos no início do desenho, planejando-o, quando diz “vou desenhar uma casa”; é através da nomeação e com o

uso da linguagem falada que os desenhos ganham um significado, tanto é que o desenho pode ter vários significados até chegar ao fim, ao seu produto final.

Quando a criança passa a nomear seu desenho depois que o produziu, ela relaciona os traços com o objeto concreto, o ato de nomear torna seu desenho significativo. A fala tem papel fundamental na descoberta que a criança faz de que seus desenhos podem significar algo.

Vigotski (1998) ao destacar os processos de mediação simbólica discorre sobre dois tipos de mediadores: os instrumentos, que tem como função servir de condutor da influência humana sobre o objeto da atividade; e os signos, que são mecanismos psicológicos que servem para controlar e orientar as ações psicológicas do sujeito.

Enquanto um signo, o desenho diz respeito à representação de uma coisa por outra. Vigotski (1998) enfoca a ideia de signo como um orientador da atividade psicológica do sujeito. Sendo assim, o gesto é o primeiro signo visual que contribui para a futura escrita da criança, eles são conhecidos como 'escritas no ar', enquanto os signos escritos são gestos que foram fixados no papel.

“O gesto é o signo visual inicial que contém a futura escrita da criança, assim como, uma semente contém um futuro carvalho. [...] os gestos são a escrita no ar, e os signos escritos, simples gestos que foram fixados”. (VIGOTSKI, 1998, pp. 141, 142)

No decorrer do processo de desenvolvimento do desenho, é muito notado o uso da fala, que é usado como forma de nomeação ou de identificação do começo ao fim do ato de desenhar. Vigotski ao focar os processos de aprendizado e desenvolvimento da criança, vê o aprendizado como um processo profundamente social, dando ênfase ao papel do diálogo e das diversas funções da linguagem na instrução e no desenvolvimento cognitivo mediado.

Atividades com a linguagem, mediadas por esferas simbólicas, mostram outros modos de lidar com a significação: as atividades simbólicas se efetivam como modo de expressão e interpretação que a criança realiza sobre o mundo. Nesse sentido, a significação é um elemento importante da linguagem que circula nos diferentes modos de agir, de falar, de desenhar e de escrever.

O estudo sobre o desenho infantil permite compreendê-lo como uma atividade que torna refinada a capacidade de significação, criando um modo simbólico de objetivação do pensamento da criança. Para Vigotski (1998, 2005) linguagem e pensamento são dois processos diferentes, mas que se entrelaçam desde os primeiros dias de vida da criança, portanto, são processos interdependentes. A partir

desse entrelaçamento entre pensamento e linguagem que surgem outras funções específicas para o processo de pensamento racional verbalizado. Ao falar, a criança dá materialidade ao pensamento. Ao desenhar dá materialidade aos dois processos.

1. O desenho e sua relação com os processos iniciais de leitura e escrita

A criança inicia a aprendizagem da sua escrita antes mesmo de ter um primeiro contato com o professor. Quando ela entra na escola, já possui uma grande bagagem de conhecimentos que a ajudará a aprender a escrever.

Como diz Vigotski (1998) o desenho é um estágio que faz parte do processo de aquisição da escrita, as crianças constroem significações que vão além de um simples ato de desenhar o que está a sua volta. As imagens produzidas por elas podem nos mostrar um caminho para o desenvolvimento da escrita infantil.

Luria (2001) ao estudar a pré-história da linguagem escrita, pontua que antes mesmo da criança entrar na escola, ela possui uma “pré-história” individual com relação ao aprendizado da escrita, já tendo desenvolvido uma certa quantidade de técnicas primitivas parecidas com a escrita convencional.

A escrita pode ser definida como uma função que se realiza culturalmente, por mediação. [...] O escrever pressupõe, portanto, a habilidade para realizar alguma insinuação (por exemplo, uma linha, uma mancha, um ponto) como signo funcional auxiliar, sem qualquer sentido ou significado em si mesmo, mas apenas como uma operação auxiliar (LURIA, 2001, pp. 144, 145).

Considerada como signo, a escrita é uma das técnicas auxiliares que são usadas para fins psicológicos, ela se constitui do uso de linhas, pontos e outros signos para conseguir recordar coisas e transmitir algumas ideias. Ao estudar a pré-história da linguagem escrita, Luria (2001) investigou em que momento a escrita se torna signo, agindo como um recurso auxiliar para a memória.

Nesse sentido, Luria (2001) evidenciou em sua pesquisa que as crianças ao rabiscar quaisquer marcas sobre o papel ainda não eram capazes de usar a escrita como um instrumento, como um recurso mnemônico capaz de auxiliar a memória em seu processo de recordação. A escrita era um recurso puramente imitativo da escrita do adulto.

Nessa fase chamada por Luria (2001) de escrita pré-instrumental, a criança ainda não usa a escrita como um instrumento a serviço da memória, ainda não

consegue compreender o sentido da escrita, mas vendo o adulto usá-la, quando é pedido para que ela use também, tenta se aproximar ao máximo do que está acostumada a ver. Em suas pesquisas Luria constatou que,

O escrever não mantinha qualquer relação com a idéia invocada pela sentença a ser escrita; não era instrumental ou funcionalmente relacionado com o conteúdo do que tinha de ser escrito. Na realidade, não houve aí exatamente uma escrita, mas simples rabiscos (LURIA, 2001, p.151).

Luria (2001) também identificou que em alguns casos houve crianças que produziram seus rabiscos em determinados pontos do papel através de sinais topográficos, o que fazia com que elas se lembrassem de cada sentença que colocara no papel. Para a criança a escrita estava se transformando de apenas uma atividade motora a função auxiliar de um signo.

Sendo assim, os sinais pequenos que as crianças produziam em vários pedaços do papel possuíam dois significados, o primeiro - organizar o comportamento da criança, mas ainda não possuía um conteúdo próprio, o segundo - de indicar a presença de um significado, mas ainda não conseguia determiná-lo (LURIA, 2001).

Os experimentos feitos em crianças, a partir da pesquisa de Luria nos mostram que o desenvolvimento da escrita acontece ao longo de um caminho que é visto como a transformação de um rabisco não-diferenciado para um signo diferenciado. As figuras e as imagens tomam o lugar das linhas e rabiscos, que depois dão lugar aos signos. “Nessa seqüência de acontecimentos está todo o caminho do desenvolvimento da escrita, tanto na história da civilização como no desenvolvimento da criança” (LURIA, 2001, p. 161).

Quando as marcas no papel começam a atuar como um instrumento a serviço da memória, Luria nos aponta que a escrita começa a ser entendida como um signo. A partir de então, a criança começa a usar o desenho como uma forma de recordar e assim ele se torna uma atividade intelectual.

“O desenho transforma-se, passando de simples representação para um meio, e o intelecto adquire um instrumento novo e poderoso na forma da primeira escrita diferenciada” (LURIA, 2001, p. 166).

Segundo Luria o período primitivo da capacidade de ler e escrever da criança, apenas chega ao fim quando o professor dá um lápis em sua mão. O desenvolvimento da escrita não se dá em uma linha reta, ele depende de técnicas de escritas, que vão

mudando no decorrer do processo. “A pré-história da escrita infantil descreve um caminho de gradual diferenciação dos símbolos usados” (LURIA, 2001, p. 180).

Sendo assim, a aprendizagem da linguagem escrita, requer um processo em que a criança possa perceber seus usos sociais e uma mediação deliberada por parte da escola e do professor. “Diferentemente do ensino da linguagem falada, no qual a criança pode se desenvolver por si mesma, o ensino da linguagem escrita depende de um treinamento artificial” (VIGOTSKI, 1998, p.125).

A linguagem escrita é formada por um sistema de signos que definem os sons e as grafias correspondentes e que, por sua vez, se referem as palavras da linguagem falada. Aprender a correspondência entre os aspectos sonoros e os aspectos gráficos da linguagem escrita se torna uma atividade extremamente laboriosa para a criança. Sua aprendizagem requer uma prática social significativa.

2. A relação entre o desenho, a oralidade e a escrita

É necessário que a criança tenha uma relação de interação com outra pessoa e com outros textos, sejam eles orais e escritos, para que a aprendizagem da linguagem escrita aconteça de maneira significativa.

Nesse sentido, considera-se que a oralidade e a escrita são dois processos formados por materiais distintos, o primeiro pelo som/linguagem falada e o segundo pela grafia/linguagem escrita. Embora distintos em sua composição, oralidade e escrita são processos interdependentes no funcionamento da linguagem.

[...] o bebê humano não fala ao nascer, e, posteriormente, passa a falar uma língua que não será considerada sua língua materna. Da condição de “ser que não fala” à de “ser falante”, há uma mudança que, a nosso ver, se dá como efeito de linguagem, e se faz na interação com outro (BOSCO, 2005, p. 25).

Quando se fala em “outro”, temos o adulto como um intérprete da criança. Ele irá significar tudo o que ela diz, seus gestos, choros, risos, olhares e até os balbucios, serão todos interpretados como modos de significação. “Há interação na medida em que a criança é significada no sistema lingüístico do “outro” ou que os fragmentos incorporados por ela são por este interpretados” (BOSCO, 2005, p. 25).

Toda criança já está inserida em uma língua desde o momento em que nasce, seus principais interlocutores são os pais. Nos diálogos que existem entre eles é possível observar que parte da fala dos pais começa a fazer parte da fala das crianças.

Ao perceberem a criança como um ser falante, os pais começam um movimento que as tiram de seu silêncio inicial em que a ausência de uma fala as coloca (BOSCO, 2005). Devagar as relações materiais e estruturais vão sendo vistas na fala da criança com o adulto, sendo possível enxergar as mudanças na relação que a criança tem com a linguagem.

Podemos perceber também os efeitos que a leitura feita pelo adulto causa na criança, promovendo uma fala “letrada”, uma fala que possui o funcionamento da escrita. Nesse sentido, as histórias infantis ajudam a marcar o ritmo da fala da criança ao contar uma história, repetindo do mesmo modo o que o adulto conta para ela.

Obedecendo à cadência ritmada própria do padrão narrativo, a criança irá compor suas histórias orais a partir do arranjo singular que realiza de enunciados provenientes de sua interação com o outro em situações muito diversas entre si, de maneira semelhante à que ocorre nos diálogos apresentados anteriormente (BOSCO, 2005, p. 36).

Fala, desenho e escrita se relacionam no processo de aprendizado da criança, “[...] consideramos específico da escrita: sua materialidade gráfico-visual. É nesse lugar que desenho e escrita, enquanto marcas sobre o papel vão se relacionar” (BOSCO, 2005, p. 41).

A aquisição da escrita na criança necessita que ela interaja com diversos textos escritos, pois só assim permitirá que surjam aspectos gráfico-textuais nas primeiras produções da criança.

Além dos diversos textos que devem circular no contexto escolar, atividades como jogos, rabiscos, brincadeiras de faz de conta podem ser vistas como atividades de alfabetização, pois representam o início da pré-história da linguagem escrita. Segundo Vigotski (1998, p. 157) “[...] desenhar e brincar deveriam ser estágios preparatórios ao desenvolvimento da linguagem escrita”.

Atividades como parlendas, brincadeiras com frases, trava-línguas, brincadeiras de roda seguem em direção à alfabetização, desenvolvendo na criança uma consciência fonológica que demarcam as palavras e os sons de cada sílaba, o que irá colaborar para sua futura aprendizagem.

“Portanto, jogos voltados para o desenvolvimento da consciência fonológica, se realizados sistematicamente na educação infantil, criam condições propícias e, inclusive, necessárias para a apropriação do sistema alfabético” (SOARES, 2009, p.5).

A leitura de histórias na educação infantil é uma atividade indispensável de letramento, quando conduzida adequadamente leva a criança a ter conhecimentos e habilidades desde muito pequena para se inserir no mundo da escrita.

É interessante também ler com as crianças textos informativos, textos publicitários, jornalísticos, histórias em quadrinhos, introduzindo-as em diferentes gêneros desde pequena. “Enfim, são inúmeras as situações que podem ser aproveitadas para que as crianças percebam a função da escrita para fins diversos e a utilizem em práticas de interação social” (SOARES, 2009, p. 6).

O essencial é que as crianças estejam imersas em um contexto letrado - o que é uma outra designação para o que também se costuma chamar de ambiente alfabetizador - e que nesse contexto sejam aproveitadas, de maneira planejada e sistemática, todas as oportunidades para dar continuidade aos processos de alfabetização e letramento que elas já vinham vivenciando antes de chegar à instituição de educação infantil (SOARES, 2009, p.7).

Assim, a leitura e a escrita aparecem no cotidiano das crianças como meio de comunicação e de interação com as outras pessoas, sua aprendizagem vai se dando de maneira gradual na qual inseridas nas práticas de uso da linguagem, as crianças vão aprendendo os usos práticos e sociais da língua escrita.

Considerações finais

A criança desde pequena usa o desenho como um meio de expressão, como uma forma de linguagem, desenho esse que vai se modificando e evoluindo no decorrer do processo de seu desenvolvimento.

Pelo desenho, a criança expressa suas capacidades de criatividade, elaboração intelectual e afetiva, não esquecendo que é também uma importante ferramenta para trabalhar com as crianças sua compreensão de mundo.

Nesse sentido, as teorias de Vigotski e Luria nos ajudam a compreender que a figuração do desenho reflete todo o conhecimento da criança, que ele possui um papel importante tanto no desenvolvimento da capacidade cognitiva como no movimento simbólico de compreensão e elaboração da escrita.

O texto nos mostra que o desenho é uma linguagem gráfica que surge nas crianças tendo como base a linguagem verbal, assim o desenho se torna um estágio que antecede o desenvolvimento da linguagem escrita. A análise do desenvolvimento

gráfico do desenho nos permite compreender o processo pelo qual a criança passa até chegar à elaboração de suas primeiras escritas.

Podemos compreender, então, que o desenho se inicia como uma simples brincadeira da criança, se tornando com o tempo um meio de representação até se desenvolver totalmente, tornando enfim, um registro com fins mnemônicos.

Referências

BOSCO, Z. R. **A criança na linguagem: A fala, o desenho e a escrita.** São Paulo, Cefiel, 2005.

FONTANA, R. & CRUZ, N. **Psicologia e trabalho pedagógico.** São Paulo: Atual, 1997.

LURIA, A.R. O desenvolvimento da escrita na criança. In: VIGOTSKI, LURIA, LEONTIEV. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone, 2001.

SOARES, M. Alfabetização e letramento na educação infantil. In: **Revista Pátio Educação Infantil** – Ano VII – nº 20 – oralidade, alfabetização e letramento – Jul/Out, 2009.

VIGOTSKI, L.S. **Imaginação e criação na infância.** São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, L.S. **Pensamento e Linguagem.** 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.